

Os meios de comunicação de massa na era da internet¹

Guillermo Orozco Gómez²

*Professor da Universidade de Guadalajara, México. Doutor em Educação pela Universidade de Harvard e Catedrático de Ciências da Comunicação pela Universidade de Guadalajara.
E-mail: gorozco@cencar.udg.mx*

Uma das preocupações das Ciências da Comunicação na América Latina é com a defesa e o apoio às culturas locais. Esse tem sido um dos temas mais freqüentes nos congressos e seminários internacionais, inclusive no VI Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação – LUSOCOM que aconteceu em Santiago de Compostela no mês de abril deste ano. É importante pensar como essa questão se reflete no México.

Lá, infelizmente, parece não haver a preocupação central com a cultura local que se observa em outros países latinos, pelo menos naquilo que diz respeito à pesquisa em comunicação. Creio que, neste momento, no México, a pesquisa em comunicação tem diminuído, atropelada por razões burocrático-administrativas envolvendo professores-pesquisadores que têm de se dedicar a outras atividades, deixando para trás, muitas vezes, seus interesses na investigação. Isso é lamentável e nos obriga a encontrar uma maneira de reverter essa situação.

Mas o caso mexicano é, na verdade, muito peculiar, pois se os pesquisadores não têm elegido a cultura local como uma de suas preocupações mais importantes, por outro lado, existe um grande esforço das televisões comerciais – Televisa e TV Asteca – no resgate da cultura mexicana e da cultura local. É claro que fazem isso de maneira espetacular, com objetivos comerciais, porém há esforços sérios no sentido de se poder falar amplamente e melhor do México. Isso tem sido visto de maneira favorável por artistas, literatos, autores de diferentes áreas e linguagens e até mesmo pela elite mexicana. Há também muitos que vêm com reservas tudo aquilo que está sendo apresentado na televisão, mas para mim é esse resgate que tem permitido uma atenção especial à cultura mexicana. Não há outras instâncias ou instituições que estejam preocupadas com a cultura local. E, no que diz respeito à área de comunicação, infelizmente, não se tem demonstrado nenhum interesse com as manifestações locais, embora antropólogos e sociólogos continuem se esforçando nesse sentido.

1. Notas extraídas de uma entrevista.

2. Tem coordenado grupos de trabalho sobre estudos de recepção do ALAIC e é catedrático da Unesco em Bogotá e Barcelona. Autor de numerosos trabalhos sobre comunicação e meios, tem centrado sua linha de pesquisa e investigação nos estudos de recepção e alfabetização audiovisual. (N.E.)

A CONTRIBUIÇÃO DA TELEVISÃO NA CONSTRUÇÃO DA CULTURA NACIONAL

Sabemos que na América Latina a televisão tem colaborado para a geração de uma cultura nacional, conseguindo misturar o erudito ao popular, mesclando, mixando, manifestações regionais que então passam a ser identificadas com a nacionalidade. Isso aconteceu no México – a televisão serviu como ponto de referência de uma percepção do nacional e do mexicano, amplificando o alcance das telas. A tela ampliou os valores, as imagens e os comportamentos, assim como outros elementos que caracterizam o que é mexicano. Tal fato permitiu, por exemplo, que agora possamos falar e nos referir a uma identidade mexicana. O cinema, por exemplo, da época de ouro no México, nos anos 1940 e 1950, ampliou ainda mais a grande tela ao propor interpretar o que era o mexicano, servindo de referência para as gerações seguintes que foram trabalhar e criar na televisão. Portanto, o que a televisão faz é um trabalho de manutenção, ainda que seja um pouco estereotipado. Torna-se o ponto de encontro de toda a nação.

Por outro lado, não podemos nos esquecer de um outro fenômeno atual muito importante que é a internet e o acesso a toda informação que se tem na rede de computadores. As novas tecnologias possuem outra origem, outra fonte de informação e outro alcance, sem estarem preocupadas em contribuir para a cultura nacional. E, mesmo que, por alguma razão, se voltem para o nacional, a informação é efêmera e se torna logo obsoleta. Um colega chileno, Martín Hopenhayn, afirma que a comunicação midiática internacional e global se apropria do nacional, alimenta-se dele, deglute-o e acaba com ele. Essa é a maneira de as novas tecnologias se nutrirem da cultura – apresentando-a, mas, indiretamente, destruindo-a. Trata-se de um fenômeno muito complicado e até lamentável.

A FRONTEIRA MEXICANA COM OS ESTADOS UNIDOS

Esse confronto entre o global e o local gera necessariamente certos conflitos como, por exemplo, o que temos no México. Nós possuímos uma fronteira bem extensa com um país que fala inglês, e isso traz conseqüências em pelo menos dois sentidos: por um lado, existe uma relação de admiração, de desejo, em relação aos Estados Unidos, que envolve certa aceitação do idioma inglês; mas, por outro lado, essa aproximação faz com que sintamos, também, uma certa rejeição. E esse conflito se dá de forma simultânea: aceitação, rejeição, amor e ódio aos Estados Unidos. Isso é muito característico da cultura mexicana. Assim, a universalização da língua inglesa que as novas tecnologias da comunicação promovem traz também, por um lado, conflitos em relação à cultura local, ameaçando-a, mas, por outro lado, permite o compartilhamento de informações e experiências.

O confronto, entretanto, é inevitável, pois o idioma local está ameaçado diante da globalização. Ele se vê infiltrado pelo inglês que tem expressões, padrões e palavras que não obedecem à lógica de produção cultural linguística de certos povos, mas seguem outra lógica e outros princípios. O inglês se insere, incorpora-se, de maneira às vezes agressiva, ao vocabulário das línguas nacionais. Entretanto, eis um fenômeno inevitável, no qual é possível encontrar um elemento positivo – a possibilidade de se ter um idioma universal para a comunicação, mesmo que isso venha a eclipsar as formações linguísticas individuais.

A ESCOLA COMO UM MEIO DE INCLUSÃO TECNOLÓGICA

É nesse cenário do advento das novas tecnologias da comunicação e dos conflitos que ocasiona que é preciso analisar a escola na atualidade. Para isso, basta pensar, com base no que vem ocorrendo na América Latina, que setores marginais da sociedade já fazem uso das novas tecnologias – telefones celulares e microcomputadores, enquanto, de outra parte, muitos estudantes se vêem afastados das tecnologias da comunicação. Parece que por tradição ou buscando sua sobrevivência e preservação, a escola tem procurado se manter autônoma em relação ao desenvolvimento das tecnologias da comunicação e da informação. A escola tem se mantido sempre desvinculada dos acontecimentos sociais e políticos, tentando se preservar como uma espécie de comunidade mais ou menos fechada, crendo que assim vai poder sobreviver e manter seus princípios. Mas os meios e tecnologias de comunicação desafiam terrivelmente essa estratégia histórica da escola de permanecer impermeável ao que se passa ao seu redor e que diz respeito à sociedade em geral.

E não estamos falando apenas do computador. Creio que o telefone celular, depois da televisão, é o meio de comunicação mais popular nos países da América Latina. Isso porque é muito funcional, possibilitando a intercomunicação, a extensão, inclusive daqueles profissionais que não têm um escritório e que usam o celular para falar com seus clientes. Ele representa a oportunidade de trabalho e sobrevivência para muita gente. Essa é uma nova realidade com a qual a escola tem de interagir, mas que até o momento não parece ter entrado no seu planejamento.

A escola precisa começar a ver que fora dela há uma série de situações e fenômenos novos dos quais poderia participar contribuindo com todo o seu potencial educativo e reflexivo. Tal postura vem ao encontro de seus próprios objetivos educacionais. Por outro lado, é necessário que os Estados desenvolvam políticas públicas que permitam dar conta de todo esse fenômeno e que façam que a escola participe dessa conjuntura, pois a inclusão da escola no desenvolvimento da tecnologia da comunicação é tão importante para a educação como para a sociedade como um todo.

Não se trata de modernizar a escola introduzindo computadores em suas práticas educativas – eu creio que esta é uma perspectiva errada. O que proponho é que a escola participe e incorpore novos fenômenos epistemológicos implicados nos novos meios de comunicação. O uso de novas tecnologias é um fenômeno cultural distinto que a escola tem de entender e incorporar para que continue sendo uma instituição social relevante na sociedade.

MOVIMENTOS SOCIAIS E MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Não é apenas a escola que deve incorporar os recentes meios de comunicação e os novos modelos epistemológicos que passam a existir na sociedade. Os movimentos sociais também já se dão conta da importância desses novos espaços públicos abertos pela mídia. No Brasil, assim como em outros países da América Latina, os movimentos sociais já incluem em seu planejamento o uso dos meios de comunicação. Vejamos, por exemplo, o movimento zapatista do México: quando, em 1994, pela primeira vez seus integrantes mostraram publicamente a cara, a televisão não lhes deu câmera nem microfone, ficaram excluídos da tela e do olhar do público. Mas, em 2001, sete anos depois, a televisão lhes reservou espaço. E por quê? Porque já eram famosos, e havia se criado o mito: o comandante Marcos com o rosto todo tapado. Corria a notícia de que ele faria um *tour* pelo país e a Televisa³ iria segui-lo, sabendo que seria um produto vendável para a audiência – acompanhar o movimento zapatista ao longo de sua viagem pelo México.



Televisa, a principal cadeia mexicana de televisão.

É claro que isso despolitiza um pouco o movimento, desvirtua-o, porque o apreende em sua dimensão de espetáculo e não de ação política. Mas me parece que em geral sempre se corre o risco de que, uma vez na tela, os movimentos políticos possam se desvirtuar. Entretanto, isso não ocorre necessariamente; há maneiras pelas quais é possível utilizar a tela da televisão sem que se danifique a própria configuração do movimento político. Esse é o grande desafio dos líderes e participantes dos movimentos políticos: como divulgar suas idéias sem que a mídia desvirtue o sentido político que os uniu. Creio que aqui é um trabalho de comunicadores conscientes, críticos e democráticos para entender de que maneira se dá visibilidade na televisão e nos demais meios de comunicação aos movimentos políticos sem que essa visibilidade danifique a sua essência e seus objetivos.

OS LIMITES À LIBERDADE DE AÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

O convívio das audiências com os meios de comunicação está fazendo surgir um novo tipo de conhecimento, que é o entendimento de como atuam e de

3. A Televisa – Televisión vía satélite – é considerada o segundo maior conglomerado de mídia da América Latina e o maior produtor mundial de programação em língua espanhola. Tornou-se conhecida no mundo inteiro por exportar programas de televisão, em especial telenovelas. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Televisa>>. (N.E.)

como se editam imagens nos meios de comunicação. As pessoas vão se tornando cada vez mais críticas em relação àquilo que ouvem e vêem. Entretanto, certos movimentos pretendem disciplinar os meios de comunicação julgando que as pessoas não são capazes de criar seus próprios critérios nem fazer seleções. Assim, a solução muitas vezes passa pela censura.

Essa reação censória em relação aos meios de comunicação, entretanto, é natural e espontânea, pois é assim que reagimos em relação a tudo que é novo. O que desconhecemos nos causa preocupação. Foi o que aconteceu com o cinema, com o rádio, com a televisão, com a imprensa. Sempre houve uma preocupação com a novidade, que se traduzia em censura e, curiosamente, com o tempo, essa preocupação vem diminuindo e acabando por ser esquecida.

Acredito que, neste momento, em relação à televisão, o que preocupa é a predominância dos interesses comerciais que acabam por decidir em favor de programas de baixa qualidade. Mas como televisão é imprescindível para todos na vida cotidiana, há uma tentativa de querer controlá-la, fazendo com que se aproxime o discurso da realidade vivida. Acho que é uma tendência humana tentar controlar o que está fora da sua casa. Porém, não se trata de eliminar os meios de comunicação; a proposta é de uma aliança estratégica e crítica que se deve estabelecer entre público e meios de comunicação que não se traduz em formas de censura, mas no respeito aos valores de certo grupo de pessoas que compõe a audiência. Esse tipo de censura que se baseia numa aliança crítica, julgo necessária; é preciso negociar e estabelecer limites. Ela deve se expressar no controle de faixas horárias, por exemplo.

Acredito que, sobretudo nós, educadores, temos direito de pôr limites para a interação com esses meios, mas não quer dizer censura; podemos colocar limites de tempo aos programas levando-se em conta aquilo que vale a pena ou não ser visto. Esse limite deve ser pensado no sentido de ajudar as pessoas, e não em cerceá-las.

A COMPLEMENTARIDADE DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Alguns meios de comunicação, como a televisão e o rádio, são coletivizadores da experiência – um grande número de pessoas assiste a um programa junto, tendo a sensação de ter *vivido* junto. Outros meios, entretanto, como o computador, proporcionam uma experiência mais individualizada. Isso permite pensar que cada meio de comunicação é muito mais do que só um veículo ou uma tecnologia; ele vai criando uma maneira de intercomunicação e modificando a cultura. Assim, o rádio, a televisão e o cinema, e antes a imprensa escrita, permitem certas experiências, enquanto a internet proporciona outras. Não sei se a relação do usuário com a internet é mais frágil ou distante do que a que o telespectador mantém com a televisão, porque

tenho a impressão de que cada nova tecnologia parte de uma experiência anterior que ela incorpora e potencializa. Assim, acredito que a emergência da internet não elimina a experiência do rádio e da televisão, que continuam sendo muito populares. Então, penso que a internet não se opõe às experiências anteriores, apenas traz novas condições para a comunicação, permitindo uma relação mais individual, mais pessoal, entre as pessoas. O que não existia em outros meios agora se completa com o computador e a internet. Entendo que os meios de comunicação não são mutuamente excludentes, mas complementares.

Resumo: Guillermo Orozco Gomes, professor da Universidade de Guadalajara, México, aborda importantes questões relativas à comunicação na América Latina, tais como as relações entre a cultura local e global e a importância da televisão e da indústria cultural na constituição das culturas nacionais. De passagem pelo Brasil, faz uma análise para a revista *Comunicação & Educação* sobre o advento dos novos meios de comunicação – o computador, os celulares e outros equipamentos digitais –, assim como conclama a escola a participar das novas formas de interagir e conhecer que se estabelecem no mundo.

Palavras-chave: América Latina, cultura nacional, indústria cultural, meios de comunicação, novas tecnologias.

Abstract: Guillermo Orozco Gómez, professor at Universidad de Guadalajara, Mexico, deals with important issues concerning Communication in Latin America, such as relations between local and global cultures and the importance of television and cultural industry in the constitution of national cultures. During a short stay in Brazil, he analyzes, for *Comunicação & Educação* the advent of new media – computer, mobile phones and others digital tools –, and he also invites school to join the new ways of interaction and knowledge that are being established in the world.

Keywords: Latin America, national culture, cultural industry, media, new technologies.